



**Movimento Barreiro Património
Memória e Futuro**



**A Indústria no Barreiro:
o passado, o presente e o futuro**

MBPMF



Índice

1. ENCONTRO SOBRE A INDÚSTRIA NO BARREIRO: O PASSADO, O PRESENTE E O FUTURO - RESUMO E IDEIAS	3
2. MEMÓRIAS COM FUTURO – REFLEXÃO E CONTRIBUTOS	5
A. A PROTO- INDÚSTRIA	5
B. O CAMINHO DE FERRO E A CORTIÇA	6
C. DA CUF/QUIMIGAL Á QUIMIPARQUE.....	6
D. A INDÚSTRIA TRADICIONAL	8
E. O TRATAMENTO DE RESÍDUOS, INVESTIGAÇÃO E DESENVOLVIMENTO.....	9
F. A TERCEIRA TRAVESSIA DO TEJO E A DEVOLUÇÃO DO RIO À CIDADE	10
G. A ACTIVIDADE EMPRESARIAL E DE SERVIÇOS.....	12
H. DERRUBAR OS MUROS, POTENCIAR O DESENVOLVIMENTO URBANO, RECRIAR AS ACESSIBILIDADES	12
I. A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA, DO PATRIMÓNIO E DA HISTÓRIA.....	13



1. ENCONTRO SOBRE A INDÚSTRIA NO BARREIRO: O PASSADO, O PRESENTE E O FUTURO - RESUMO E IDEIAS



Juntaram-se mais ou menos as mesmas pessoas ao fim de um ano, para debaterem outro tema interessante e actual: A Indústria no Barreiro, o Passado, o Presente e o Futuro.

O exercício de cidadania participada, interessada no passado e no futuro da nossa terra, independente dos jogos de interesse que limitam o presente, faz-se assim, inspirando-se na memória de um passado rico de experiências e ensinamentos, reflectindo colectivamente os melhores caminhos do porvir.

Não há dúvida que o Barreiro nasceu do rio, por isso o rio deve ser devolvido à cidade! O amplo espaço da Quimiparque deve ser reordenado e integrado na urbe, segundo uma filosofia e estratégia a definir com a participação dos interessados e dos barreirenses em geral, assente numa análise rigorosa da realidade actual e dos dados do estudo económico e social do concelho.

A história do trabalho e da luta dos barreirenses por nascimento ou por migração, o passado de muito sacrifício, muita poluição e muita exploração (relatadas no Encontro) para fazer crescer as fábricas, não é consentâneo com um “Masterplan” do nosso descontentamento que visava sobretudo a especulação e o retalhar imobiliário.

Exige-se no presente uma estratégia dinâmica que respeite a memória e abra novos caminhos para o futuro, mantendo as fábricas da indústria tradicional a laborar, a bem da economia regional e nacional e da defesa dos postos de trabalho, investigando e desenvolvendo novas tecnologias (Pólo de Investigação com as Universidades sobretudo na área da melhoria ambiental), dinamizando a área empresarial de comércio e serviços. Exige-se ainda que a Memória seja preservada em múltiplos núcleos e elementos patrimoniais, que sejam o elo de ligação à mensagem empreendedora consubstanciada nos projectos de futuro como a chegada da “3ª Travessia do Tejo”, ou a “Cidade do Cinema”, as oficinas municipais, ou as grandes áreas verdes junto ao rio (Parque do Tejo) ou em zonas de desenvolvimento habitacional e de equipamento social.

Integra-se nesta dinâmica dialéctica passado-futuro, a proposta de criação simultânea do Centro Histórico Operário-Industrial, assente nas seguintes valências: Memorial a Alfredo da Silva (incluindo a Casa Museu, Mausoléu e Estátua trasladada); Núcleo



Museológico da Resistência a criar nas instalações do Destacamento da GNR ocupante da vila de 1943 a 1975; O Núcleo Museológico Industrial; o Bairro Operário (integralmente); O porto fluvial (com os guindastes); O ramal ferroviário Industrial



histórico (com 100 anos); Os elementos de Arqueologia Industrial (Chaminés, Oficinas, Armazéns classificados).

Algumas ideias-base tivemos de viva voz transmitidas:

- O processo exige a definição de uma estratégia a 20 anos, rígida na gestão do território (para não haver atropelos) e simultaneamente flexível, aberta às oportunidades.

- Partir da análise da situação económica e social do Barreiro, que em breve serão apresentados.

- Garantir o processo de discussão da filosofia e da estratégia, a participação da população e dos agentes económicos interessados.

- As fábricas existentes devem continuar (algumas devem ser deslocalizadas por questões ambientais). Seria desejável a criação de um Pólo Universitário de Investigação.

- Os grandes projectos em perspectiva (3ª Travessia do Tejo p.ex.) só serão bons para o Barreiro inseridos numa estratégia de desenvolvimento da Península de Setúbal (caso contrário até podem ser prejudiciais!...)

- Os atravessamentos da Quimiparque deverão ser retomados pela estrada velha, direito ao Lavradio, com uma rotunda no Largo das Obras.

Está na ordem do dia a comemoração dos 100 anos da CUF no Barreiro, as iniciativas não devem ficar pelas “pérolas oficiais” (muitas pedras não fazem um colar, afirmou um interveniente), nem pelas manifestações de “cucos” que põem os ovos nos ninhos alheios (como referiu outro).

A recolha de depoimentos sobre as vivências operárias, como as que foram relatadas por alguns presentes, com emoção, seriam um bom caminho para chegar ao Centro Histórico Operário Industrial.

Há um ano propusemos a criação do Centro Histórico Ferroviário, agora sugerimos este outro. Falta enquadrá-los num grande Roteiro das Memórias da Indústria, do Trabalho e da Resistência, dando forma e corpo àquilo que já existe disperso e



potencialmente organizável: Barreiro cidade-museu vivo da época recente do capitalismo industrial e das memórias da luta pela transformação desta forma de sociedade, que mantendo-se capitalista, continua injusta e agressiva.

2. MEMÓRIAS COM FUTURO – REFLEXÃO E CONTRIBUTOS

A. A PROTO- INDÚSTRIA

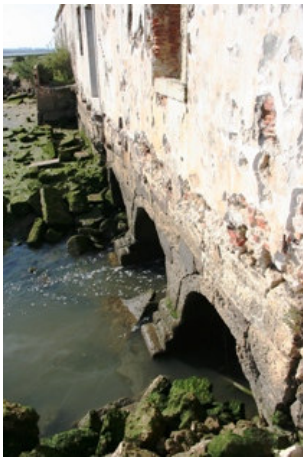


O nome do Barreiro surge em 1322 associado à Ordem Militar de Santiago, um dos principais senhorios feudais de grande parte do território a sul do Tejo, após a reconquista cristã.

O passado histórico colectivo está presente nos conjuntos de arquitectura civil e religiosa ainda existentes na parte norte da cidade, que constituem a

memória da evolução urbana do burgo.

A economia do território que hoje pertence ao concelho assentou, durante largos séculos, na vasta floresta que cobria toda a região - de que apenas hoje subsiste a reserva florestal da Mata da Machada - bem como no vinho e no sal que em parte eram exportados para o estrangeiro e na pesca.



Durante os séculos XV e XVI, apogeu do expansionismo português, instalaram-se algumas infra-estruturas ligadas à logística dos Descobrimentos, nomeadamente uma grande fábrica de “biscoito” em Vale de Zebro, um estaleiro de construção naval na Telha, e várias oficinas de produção cerâmica, cujo exemplo mais conhecido é o forno da Mata da Machada.

Na mesma época assiste-se ao primeiro surto proto-industrial, com a construção de vários moinhos de maré, numa das maiores concentrações de engenhos deste tipo em todo o estuário do Tejo.

A decadência do modelo expansionista acarretou o fim desta economia e até meados do século XIX, altura em que foram construídos os moinhos de vento, o Barreiro era uma modesta vila de pescadores, e moleiros e agricultores.



B. O CAMINHO DE FERRO E A CORTIÇA

A partir de então começa a construção do caminho-de-ferro, cuja inauguração oficial em



1859, veio colocar o Barreiro na senda da indústria moderna e revolucionar a vida local.

A primitiva estação ferroviária do Barreiro, posteriormente transformada nas Oficinas Gerais da CP, distava cerca de 2 km do local de embarque do vapor para Lisboa, no Mexilhoeiro, tornando o transbordo de passageiros muito penoso e assim, em

1884, foi inaugurada uma nova gare marítima fluvial, sob projecto do engenheiro Miguel Paes.

O Barreiro tornou-se no nó principal da travessia de gentes e mercadorias entre o Norte e o Sul do País, o que privilegiou o local nos estudos



para a instalação de indústrias, especialmente a actividade corticeira que exigia o transporte de grande volume de matéria-prima.

A escolha do Barreiro para terminal da linha do Sul e Sueste, foi decisiva para o desenvolvimento económico e social da vila, que começou a tornar-se um pólo de

atração de populações, oriundas principalmente dos concelhos vizinhos, do Alentejo, do Algarve e das Beiras, em busca de melhores condições de vida e trabalho nas inúmeras fábricas de cortiça em expansão.

C. DA CUF/QUIMIGAL Á QUIMIPARQUE



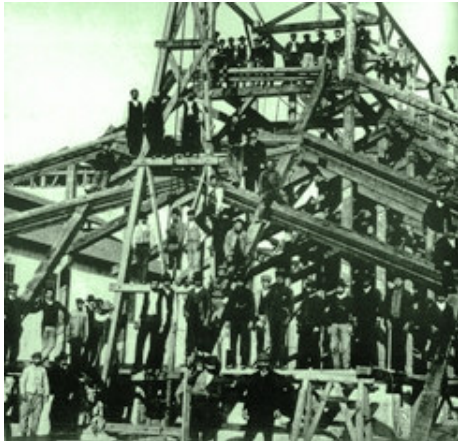
As vivências adquiridas ao longo de gerações na indústria e nas oficinas, os conhecimentos dos mesteres e das tecnologias, os hábitos de trabalho em equipa e a disciplina própria dos processos de produção colectivos, o espírito criativo e a inteligência

ao serviço de novos projectos, a consciência do produtor explorado e a resistência à opressão política e social, a coragem da luta por melhores condições de vida e de trabalho, são traços identitários arreigados nos barreirenses, de nascimento ou de



opção, autênticas “marcas de água” da sua ancestral e telúrica história ligada ao rio, da mais recente ligada à indústria e ao trabalho ou da novíssima ligada à conquista da liberdade e à revolução democrática.

A preservação destas marcas de identidade é fundamental na humanização das relações entre os cidadãos, em tempo de feroz individualismo neo-liberal, e é determinante na manutenção de equilíbrios na cidade, que contrariem as desigualdades emergentes e acentuadas pela actual filosofia de poder.



Foi especialmente a partir da instalação da CUF que o concelho alterou radicalmente a sua feição económica, ao descobrir a sua vocação industrial, característica que o definiu durante todo o século XX.

Em 1908 a Companhia União Fabril constrói a primeira fábrica de extracção de óleo de bagaço de azeitona e, sucessivamente nos anos seguintes, de óleos destinados à indústria de sabões, de ácido sulfúrico e superfosfatos para produção de adubos, de

têxteis, entre outras.

O Barreiro adquire a configuração de um grande complexo industrial, monopólio de uma grande empresa, onde os operários trabalham entre 12 e 14 horas diárias, com salários que mal chegam para sustentar a família.

Em resultado do crescimento industrial contínuo da CUF verifica-se a degradação do ar, das águas do rio, e uma expansão urbana acelerada e desordenada que se estende ao vizinho concelho da Moita (nasce a Baixa da Banheira, denominada então “Bairro Xangai” e que só viria a encontrar um travão com a revolução do 25 de Abril.

É longa e dramática a história das lutas sociais e políticas travadas pelo povo do Barreiro.



A exemplo dos corticeiros e a partir de 1909, o operariado da CUF reivindica melhores condições de trabalho e de salários, desencadeando várias greves que culminam com as de 1943, nas quais participam igualmente os corticeiros e operários de outras indústrias da vila (também comerciantes).

Na sequência destas últimas, a vila foi ocupada



militarmente e a CUF ficou sob a "protecção" da GNR, cujo quartel era no interior das instalações fabris, para mais rapidamente agirem em caso de protestos. Praças da Guarda patrulhavam o Barreiro de espingarda em riste, carros de assalto e cavalaria desfilavam pelas ruas em manifestações de força. Só com o 25 de Abril de 74, a GNR, instrumento repressor do velho regime, deixará definitivamente o Barreiro sendo substituída pela PSP.

A Revolução dos Cravos trouxe a alegria da liberdade, as conquistas políticas, económicas e sociais ao Barreiro e esta terra de solidariedade e fraternidade viveu



tempos únicos de esperança.

Contudo, passadas três décadas sobre a Revolução, o Barreiro tem vindo a perder algumas das características socioeconómicas que tradicionalmente o marcavam. O declínio da indústria, paradoxalmente 100 anos após a instalação da CUF, está praticamente consumado, à custa de uma notória crise económica e

elevado desemprego, que afecta profundamente a população do concelho.

Ocorre perguntarmos:

-Que comemorações dos 100 anos da Cuf?

-Para onde vai o barreiro no século XXI

D. A INDÚSTRIA TRADICIONAL



Na depauperada economia da região do Barreiro, precisamente por ter sido destruído a maior parte do tecido industrial, e na triste perspectiva da indústria nacional em definhamento, é importante a preservação da indústria tradicional, com localização geograficamente bem definida na área da

Quimiparque. Exigem-no também os mais de 1000 postos de trabalho directos:

Sugestões - Propostas

1. A localização geográfica está naturalmente definida a nascente da área da Quimiparque onde já funciona o "grosso" da Indústria Química.



2. Estando situada a Norte do Lavradio, dado os ventos dominantes, a indústria tradicional existente ou a criar, terá de respeitar rigorosamente as regras ambientais.
3. Incentivar os projectos existentes de ampliação do Terminal de Líquidos e de construção de uma Central de Cogeração de Vapor e Energia Eléctrica que substitua a Central Térmica da EDP, com encerramento previsto para 2010.
4. Criação da criação de uma Comissão de acompanhamento para a área industrial/ambiental formada pela Agência Nacional do Ambiente, CCDRLTV, autarquias, associações ambientalistas e organismos de saúde, com existência formal e poderes delegados (fiscalização, alertas e intervenção).
5. Fora desta área geográfica mas com uma localização bem definida, a manutenção e a melhoria da actividade do Porto Fluvial-Comercial, (já foi o 3º porto a nível nacional), com eventual extensão desportiva.

E. O TRATAMENTO DE RESÍDUOS, INVESTIGAÇÃO E DESENVOLVIMENTO



De forma mais ou menos sub-reptícia, no silêncio dos “deuses” (autoridades competentes) e perante o estranho (quase) silêncio da administração e das autarquias locais, nos últimos anos instalaram-se na Quimiparque cerca de uma dezena de empresas que tratam resíduos industriais perigosos. Trata-se no conjunto de uma autêntica ETRI (Estação de Tratamento de Resíduos Industriais) que a população do Barreiro tinha repudiado na década de 90, a propósito dos resíduos para a hipotética incineração na Sécil-Outão. A sua laboração, nalguns casos bem no coração da cidade, é completamente incompatível com o futuro ordenamento integrado da área de afectação da Quimiparque:

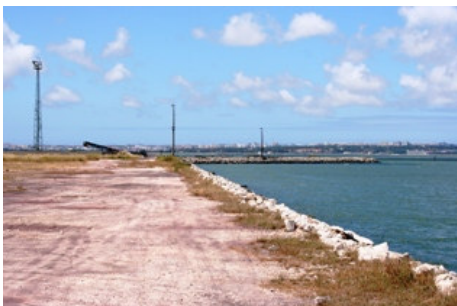
Sugestões – Propostas

1. Interdição do funcionamento das empresas de tratamento de resíduos que não tenham licenciamento ambiental ou não cumpram com as regras legais.



2. Não autorização do alargamento da actividade da Quimitecnica Ambiente, no tratamento de resíduos industriais perigosos (18 mil toneladas/ano) no coração da cidade.
3. Relocalização ou deslocalização a médio prazo de todas as empresas que tratam resíduos industriais (banais ou perigosos) no âmbito do novo ordenamento da Quimiparque.
4. Com uma riqueza tecnológica ímpar, com um “know-how” em tantos domínios do saber industrial (químico, mecânico, civil, eléctrico, electrónico...) é absolutamente urgente a criação de um Pólo de Investigação e Desenvolvimento (I e D).
5. Com a participação da Quimiparque, Autarquias, Escola Superior de Tecnologia, Universidade Nova, (Monte da Caparica) o Pólo de I e D deverá estar voltado para programas ligados à indústria local e regional, á defesa do ambiente, a novas áreas de investigação tecnológica.

F. A TERCEIRA TRAVESSIA DO TEJO E A DEVOLUÇÃO DO RIO À CIDADE



As toneladas de gases e fumos que respirámos, as toneladas de metais pesados (ferro, chumbo, mercúrio, cádmio, zinco) que poluíram o rio, do qual se retiram alimentos ainda hoje certamente contaminados, são um elevadíssimo preço pago pelo barreirenses devido ao desenvolvimento económico e aos postos de trabalho, mas que assumimos inteiramente no nosso percurso histórico identitário. Não foi a poluição que encerrou as fábricas? Foram os decisores do sistema político e económico. Está na hora, sem loas nem falsas soluções miraculosas, “avont-garde” de



se devolver a margem do Tejo ao Barreiro, retirando-lhe os milhares de toneladas de resíduos perigosos e substituindo-os por amplos espaços verdes.

A prevista 3ª Travessia do Tejo, no corredor de Chelas-Barreiro que trará o comboio de alta velocidade (C.A.V.) mais a valência convencional, será uma óptima oportunidade para garantir a organização do espaço ribeirinho, ao serviço dos barreirenses.

Sugestões - Propostas

1. Integrada na estruturação das áreas consignadas aos pilares e aos nós de interligação da nova ponte, impõe-se a criação de uma grande zona ribeirinha na margem do Tejo, com vocação de lazer e recreio, tal como foi feito na margem Norte da Parque-Expo.
2. O futuro Parque do Tejo, com valências de lazer e cultura, nomeadamente, passeio pedonal, ciclovia, pavilhão multiusos, grande palco ao ar livre, rodeado de zonas verdes, seria construído sobre os resíduos industriais não perigosos, não obrigando à sua remoção.
3. Os resíduos industriais perigosos enterrados ou empilhados (cinzas de pirite puras) deverão ser integralmente retirados para que o solo respectivo possa ser descontaminado
4. A hipótese da 3ª TT ter valência rodoviária não é particularmente interessante para o Barreiro, porque trará uma maior pressão urbana. Selo-á numa perspectiva regional da península de Setúbal. A menos que se tomem medidas de ordenamento que obstem a previsível especulação imobiliária.
5. Por razões semelhantes defendemos que a hipótese de o CAV/TGV vir a ser parqueado e assistido no Barreiro, o seja nas Oficinas do Caminho de Ferro existentes, naturalmente completamente reconvertidas, mantendo assim os postos de trabalho numa cidade de tradição e identidade ferroviária.



G. A ACTIVIDADE EMPRESARIAL E DE SERVIÇOS



A criação do Parque Empresarial foi erradamente apresentada como alternativa à grande “indústria mãe”, desactivada nos anos 80 e 90, que chegou a ter mais de 10 mil postos de trabalho. As pequenas e médias empresas instaladas, excluindo a indústria tradicional e incluindo uma grande superfície comercial, criaram pouco mais de mil postos de trabalho. Mas encerram potencialidades interessantes, quer pela dinâmica instituída pelas mais de 200 empresas existentes, quer pela possibilidade de se virem a instalar outras, decorrentes dos programas de I e D referidos, ou de outros projectos de desenvolvimento e de empreendedorismo:

Sugestões – Propostas

1. Incentivo da dinâmica de mais de 200 empresas instaladas, nomeadamente na área do Bairro Operário, garantindo a sua vida e memória patrimonial.
2. A actual arrumação algo dispersa das empresas de comércio e serviços obrigará um reordenamento integrado, tendo em conta as outras valências desejadas (habitação, lazer, equipamentos colectivos, espaços verdes, património).
3. Decorrente dos programas de Investigação e Desenvolvimento, é desejável a implementação de empresas de novas tecnologias ou de tecnologia de ponta.
4. Ainda que seja possível a instalação de empresas de alta tecnologia, não será essa a vocação primordial desta zona e não aproveita ao Barreiro ir atrás de miragens.

H. DERRUBAR OS MUROS, POTENCIAR O DESENVOLVIMENTO URBANO, RECRIAR AS ACESSIBILIDADES



É preciso que a Quimiparque se abra à cidade!

Os muros de separação e intangibilidade existentes há cem anos (que agora se comemoram) devem ser derrubados e as decisões a tomar sobre o futuro



ordenamento da área da Quimiparque, deverão ter em conta o primado do desenvolvimento económico de uma região depauperada pelo fim (quase) da grande indústria no Barreiro.

Tal ordenamento deverá ser concebido de forma integrada, segundo os princípios do desenvolvimento sustentado e harmonioso, à luz de uma filosofia que privilegie a qualidade de vida dos barreirenses, respeitando os paradigmas da memória e abrindo novos caminhos para o futuro da cidade.

Sugestões – Propostas

1. Delimitação clara e regulação das diferentes zonas de actividade e desenvolvimento que exigem segurança (pólo industrial do lavradio), tranquilidade (espaços verdes e de lazer) respeito da memória (edifícios e/ou elementos patrimoniais).
2. Recriação (ou reinvenção) de novas acessibilidades, tendo em conta o projecto global, as áreas votadas ao desenvolvimento urbano ao equipamento social, às zonas verdes e às áreas patrimoniais.
3. Reflectir à luz da filosofia de um projecto global e integrado da cidade, com a inequívoca manutenção da sua idiossincrasia, a eventual implementação de outros projectos de empreendedorismo de maior envergadura (p.e. a cidade do cinema).
4. Submeter ao mesmo critério os eventuais projectos de construção urbana, de molde a evitar-se os erros dramáticos cometidos noutras zonas sujeitas à pressão imobiliária (Almada, Seixal, Montijo, Zona Oriental-Expo).

I. A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA, DO PATRIMÓNIO E DA HISTÓRIA



Como perante um quadro artístico complicado, é preciso recuar um pouco para o perceber melhor, o futuro da Quimiparque, exige que se recue no tempo e se perceba (sinta!) a história operário-industrial desta terra ímpar em Portugal (quicá na Europa) e se retenham as imensas lições das



memórias do trabalho, da resistência e da luta.

Sugestões – Propostas

1. Deverão ser devidamente considerados no futuro reordenamento da área, os sítios e equipamentos ainda existentes:
 - a) Bairro Operário integralmente, incluindo a Casa da Cultura (ex. Cinema Ginásio) e a sede dos órgãos dos trabalhadores (ex-sede do Grupo Desportivo).
 - b) Porto Fluvial, com os seus equipamentos históricos de apoio (guindastes).
 - c) Ramal Ferroviário, o mais antigo ramal industrial em funcionamento.
2. Deverão ser valorizados e conservados com vista a posterior classificação, diversos elementos dispersos da Arqueologia Industrial: Chaminés, Esfera de Amoníaco, Armazéns, Edifícios, de reconhecido interesse histórico-patrimonial.
3. Organização de um Memorial com dimensão e dignidade, dedicado ao fundador do complexo industrial, Alfredo da Silva, incluindo a Casa-Museu, o Mausoléu e a Estátua monumental trasladada e devidamente enquadrada.
4. Criação do Núcleo Museológico da Resistência no ex-quartel do Destacamento da GNR, sedado na rua da União entre 1943 e 1974 (31 anos) em instalações da CUF, que deverão ser preservadas.
5. A criação do Centro Histórico Operário-Industrial, assente nas múltiplas valências enunciadas, devidamente preservadas, vivas, constituirão uma homenagem ímpar à Memória, um factor de dinamização económica para o concelho, um projecto participável pela Comunidade Europeia. Uma lição viva da na moderna história do desenvolvimento capitalista no século XX e da luta pela transformação dessa forma de sociedade.

Movimento Património Memória e Futuro

21-11-2007